

Alteridade e terapia: um olhar bakhtiniano para o conceito de construção na psicanálise freudiana

Eduardo da Silva Moll*

Maria da Glória Corrêa di Fanti**

Resumo

As críticas de Volóchinov a Freud, registradas em *O freudismo*, de 1927, se, por um lado, desabonam a psicanálise por entendê-la como uma vertente do subjetivismo, por outro, alternativamente, valorizam o aspecto alteritário e discursivo do acontecimento psicanalítico. Ampliando esta reflexão e considerando produções que aprofundam o conceito de alteridade e de psicanálise, este artigo objetiva discutir as contribuições do conceito bakhtiniano de alteridade ao contemplar o funcionamento das construções no tratamento psicanalítico. Com uma pesquisa bibliográfica, enfocamos textos bakhtinianos sobre alteridade, cotejando-os com a visão psicanalítica acerca das construções na terapia. Propomos contribuições bakhtinianas enfocando a singularidade dos papéis desempenhados pelos sujeitos na sessão, o tensionamento das verdades analíticas e a experimentação de axiologias e vozes discursivas nos/pelos movimentos alteritários entre analista e analisando. Com isso, a relação eu-outro pode animar olhares alternativos à construção na análise enquanto excedente de visão que proporciona acabamento provisorio à história do analisando.

Palavras-chave: Alteridade; Bakhtin; Sujeito; Construções; Psicanálise.

Palavras iniciais

O diálogo entre o pensamento bakhtiniano¹ e a psicanálise é permeado por uma tensiva atmosfera. Não apenas própria da tentativa de interface entre teorias, essa tensão também advém das contundentes críticas de Volóchinov a

* Possui graduação em Letras Português/inglês na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Na mesma universidade, foi bolsista de graduação na área de Língua Inglesa e na área de Língua Portuguesa - Produção Textual. Também, atuou como professor bolsista do Programa Idiomas Sem Fronteiras - Inglês. Atualmente, é aluno de Pós-Graduação em Letras - Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS - CNPq). Integrante do Grupo de pesquisa Tessitura: vozes em discurso (PUCRS/CNPq) e do Projeto de Pesquisa Alteridade, dialogismo e dialética: a constitutiva e tensa relação com o outro (PUCRS/CNPq), sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti. (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0635-9845>). E-mail: eduardosilva.moll@gmail.com

** Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP e professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da PUCRS. É líder do Grupo GenTe - Tessitura: Vozes em (Dis)curso (PUCRS/CNPq) e pesquisadora do Grupo Atelier Linguagem e Trabalho (PUCSP/CNPq) e do GT Discurso, Trabalho e Ética da ANPOLL. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo nº 311462/2020-0). E-mail: gdfanti@gmail.com

Data de submissão: mar. 2022– Data de aceite: maio 2022

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v18i1.12954>

Freud, registradas tanto no ensaio *Do outro lado do social: sobre o freudismo*, de 1925, quanto na obra *O freudismo: esboço crítico*, de 1927². Figurada como subjetivista e psicologizante, alheia ao social e temerosa da história, a psicanálise recebeu avaliações desabonadoras quanto à filosofia, à teoria e à metodologia que a embasam. A eficácia do tratamento, o “sucesso prático no campo de tratamento das neuroses”, entretanto, foi reconhecido (VOLÓCHINOV, 2019, p. 81).

Importantes pesquisas da área dos estudos bakhtinianos revisitam os trabalhos de Volóchinov e propõem a ponderação das críticas neles registradas. Bezerra (2017, p. 13) ressalta a influência do materialismo histórico no horizonte ideológico acadêmico soviético, indicando que Volóchinov tentara, acima de tudo, “firmar posição no debate ideológico da época”. Lima e Perini (2009) acentuam os reducionismos e o caráter enviesado das críticas de Volóchinov, as quais concretizam a postura teórica do autor, mas não contemplam a inteireza do pensamento freudiano. Outros pesquisadores propõem um olhar mais conciliador entre o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. Na acepção de Grillo (2017), os trabalhos de Volóchinov se enriqueceriam com as descobertas freudianas relativas ao inconsciente. Moura-Vieira (2016), de maneira consentânea, mostra-se entusiasta da criação de uma possível Psicologia Dialógica. Tais estudos, no entanto,

deixaram espaço para o aprofundamento de questões relativas ao referido sucesso do tratamento psicanalítico, motivo pelo qual nosso trabalho pode contribuir ao diálogo aqui proposto.

Volóchinov (2017, p. 76) argumenta que a teoria freudiana “se funda nos enunciados verbalizados do [sujeito], sendo apenas a sua interpretação específica”, o que permite que compreendamos que o estudo dos enunciados deva contemplar a constitutiva relação entre consciência dialógica, linguagem e interação discursiva. Seguindo Ponzio (2016), entendemos que subjaz às críticas de Volóchinov a valorização de uma postura teórica alteritária, pela qual o sujeito é concebido *em relação* ao(s) seu(s) outro(s), como se tal não fosse possível encontrar na psicanálise. Um ano após a morte de Volóchinov, entretanto, é publicado, em 1937, o texto *Construções na análise*, de Freud (2018). Nesse texto, o fundador da psicanálise discorre sobre um movimento interpretativo específico e necessário ao desenvolvimento do tratamento: a “construção” de aspectos da história esquecida do analisando a partir de indícios deixados em sua fala. Por um viés bakhtiniano, observamos o papel ativo da relação eu-outro no ato de responder ao discurso do analisando com uma proposta de construção e, assim, propomos uma investigação do funcionamento das construções na análise pelo viés da alteridade.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é discutir as contribuições do conceito bakhtiniano de alteridade ao contemplar o funcionamento das construções no tratamento psicanalítico. Metodologicamente, valemo-nos de um movimento discursivo análogo ao de Volóchinov (2017) em *O freudismo*, caracterizado por “propor alternativas mais substanciais aos conceitos freudianos, por meio da valorização da palavra ou linguagem” (GRILLO, 2017, p. 65), registrando “novas proposições avaliativas dialógicas” (MOURA-VIEIRA, 2016, p. 67) às ideias freudianas. Calçados na concepção bakhtiniana de sujeito, buscaremos proporcionar uma leitura responsiva ao texto *Construções na análise* (FREUD, 2018), perfazendo nesse diálogo um gesto que se propõe a modestamente enriquecer tanto os estudos de psicanálise, quanto os estudos bakhtinianos.

Na discussão com a psicanálise, respeitamos as distinções epistemológicas em jogo: reconhecemos a presença do sujeito do inconsciente em Freud, assim como a do sujeito ético, responsivo, responsável e permeado por vozes sociais representativo do pensamento bakhtiniano. Logo, nossa discussão a respeito das construções não se aterá às questões do inconsciente, mas prospectará algumas dinâmicas discursivas e objetivas relevantes ao tratamento psicanalítico, a partir da leitura responsiva do texto de Freud (2018). Compreendemos que,

nesse terreno, uma produtiva interface poderá ser promovida.

Assim, o artigo se organiza da seguinte maneira: num primeiro momento, realizamos uma revisão bibliográfica não extensiva acerca do conceito de alteridade em textos assinados por Bakhtin, em que, segundo Di Fanti (2020), a noção de alteridade se revela de maneira mais explícita, o que justifica nossa escolha. Para tanto, partimos dos textos bakhtinianos escritos entre 1920 e 1924, passando por textos da época de 1930 e 1950, de modo a estabelecer relações entre alteridade, sujeito e discurso – relações essas já presentes em *O freudismo*, tendo em vista a reafirmação das teses bakhtinianas primeiras na visada ao sujeito socioideologicamente constituído (CLARK; HOLQUIST, 1998). Num segundo momento, discutimos as construções na análise pelo ponto de vista da alteridade e do discurso, visando a erigir algumas contribuições bakhtinianas para a compreensão de possíveis movimentos alteritários na terapêutica freudiana. Por fim, em um terceiro momento, discutimos a inconclusividade constitutiva tanto do sujeito bakhtiniano, quanto das construções e de seus efeitos no tratamento psicanalítico. Este trabalho, então, constitui-se como mais um elo ao olhar de Volóchinov para a psicanálise, privilegiando um aspecto salvaguardado pelo autor: o sucesso do tratamento psicanalítico.

Movimentos alteritários: a constituição do sujeito bakhtiniano

Em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1922), Bakhtin (2017, p. 43) observa que o ato é capaz de superar a distância entre “dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida”. O primeiro refere-se ao mundo da abstração, do teorismo, das verdades universais e do conteúdo-sentido histórico; já o segundo refere-se ao mundo vivencial e irrepitível, constituído na e pela atualização de sentidos pelos sujeitos éticos, responsivos e responsáveis. Segundo tal asserção, o ato pode ser compreendido a partir do amplo movimento de alteridade que o constitui, dado que, em seu devir, *responde*, de maneira singular, ética e responsável, aos *outros* conteúdos e sentidos disponíveis na cultura. Nesse movimento, o sujeito não nega o todo cultural que o precede e o abarca, mas nele se insere de maneira ativa, não-coincidente e não-indiferente (PONZIO, 2016; SOBRAL, 2019).

Na arquitetura valorativa do ato, o evento responsivo se objetiva no mundo concreto segundo uma (dia)lógica alteritária radical. De acordo com Bakhtin (2017, p. 142), o ato possui um “caráter biplano”, e realiza-se em um movimento de alteridade ao redor de dois centros de

valores, do eu e do outro, “diferentes por princípios, mas correlatos entre si”, sendo que “em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir”. Tal contraposição funda as disposições arquitetônicas do eu-para-mim (como eu me vejo), do eu-para-o-outro (como o outro me vê) e do outro-para-mim (como eu vejo o outro) a cada ato concreto. Para o filósofo russo, em torno dessas disposições, fundadas na alteridade, se instauram as distintas axiologias e os aspectos do espaço-tempo, situando o ato numa atmosfera relacional, social e histórica. Então, um ato torna-se bidirecionalmente responsável em relação à cultura e à vida, assim como em relação ao sujeito e seu outro.

É válido ressaltar, como nota Bubnova (2013, p. 10), que a constitutiva relação eu-outro não usurpa o sujeito de sua singularidade, mas, pelo contrário, “implica uma profunda personalização dos sujeitos em interação”, dado que a faceta ética e responsável do ato assegura que o sujeito se torne *um em resposta a outros*. Por isso, Ponzio (2016, p. 234) argumenta que a alteridade é constitutiva da identidade, dado que um centro axiológico singular existe porque se contrapõe responsivamente a outro centro axiológico. Ademais, segundo Bubnova (2011, p. 272), embora o acontecimento do ato disposto seja designado, em russo, como *sobytie bytia*, “ser juntos no ser”, não se trata de uma fusão de sujeitos, mas de um processo de

tensão alteritária alicerçado no chamado ético, responsivo e responsável que emana do eu singular ao(s) outro(s) não-coincidente(s) e vice-versa.

A tensão alteritária constitutiva do ato e da (inter)subjetividade traz à cena a responsabilidade. O inalienável lugar singular do sujeito no mundo decorre do *dever ser* singular: o “*meu não-álibi no existir [moë ne-alibi v bytii]*, que está na base do dever concreto e singular do ato, não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu *reconheço e afirmo de um modo singular e único*” (BAKHTIN, 2017, p. 96). Por isso, o pensador russo defende que a justificativa do ato não encontra respaldo em validades universais, mas sim na valoração do ato pelo próprio sujeito em face ao(s) outro(s). Tal é o *dever ser* manifesto nos tons emotivo-volitivos que colorem, tonalizam a justificativa do ato, fundando um espaço inalienável de responsabilidade no qual o sujeito assume – *assina* – seu ato como próprio. Tendo de responder perante seu lugar singular, o sujeito engendra uma verdade para si, a qual só se sustenta em resposta ao(s) outro(s), como justificativa do seu ato. Nisso está a tensão constitutiva entre as duas tonalidades da verdade: a *istina* e a *pravda*.

Sendo singular, o ato não prescinde das verdades universais (*istina*), mas, enfrentando-as, oferece uma verdade situada (*pravda*), forjada no encontro entre eu e outro(s):

[...] na sua responsabilidade, o ato coloca diante de si sua própria verdade como verdade que une ambos os seus aspectos, assim como une o aspecto do universal (a validade universal) e do individual (o real) (BAKHTIN, 2017, p. 81).

Como Sobral (2019, p. 105) reforça, a tensão entre a verdade universal e a verdade singular é constitutiva do ato: “preciso de um ato singular para atualizar valores universais em minha circunstância singular”. *Apravda*, nesse sentido, é uma atualização de valores que forja verdades *da e na relação* do sujeito com a cultura, com o outro e com a situação na e da qual o ato irrompe.

Como afirma Nascimento (2021), a possibilidade e o dever de responder a valores engendram os *sentidos*, os quais são discursivos e ideológicos, porque remetem à tomada de posição na vida e na linguagem. De acordo com Bubnova (2011, p. 237), a filosofia bakhtiniana primeira

[...] prefigura a filosofia dialógica na qual aos parâmetros descritivos do ato é acrescentado outro ingrediente decisivo, constituinte do humano, que é a palavra, que para o ser humano sempre esteve aí, com o outro.

Di Fanti (2020, p. 10), nessa perspectiva, observa que a alteridade é constitutiva do enunciado, forjado

na relação entre o *eu* e o *outro*, numa concorrência de discursos, vozes em circulação, que, num jogo de tons emotivo-volitivos, dá vida à palavra e revela um sujeito relacional e inacabado.

Tais apontamentos indicam que os sentidos e os discursos se engendram numa relação de alteridade e de concreta multiplicidade de valores, de vozes sociais e de palavras alheias, o que nos leva à noção de heterodiscurso.

Em *O discurso no romance* (1934-1935), Bakhtin (2015, p. 40) compreende a língua “*ideologicamente preenchida*”, a língua como cosmovisão e até como opinião concreta”. Portanto, trata-se da língua “ocupada” ideologicamente, “habitada” vivencial e discursivamente pelos sujeitos que nela se constituem. Por isso, “o processo de formação ideológica do [sujeito] é um processo de assimilação seletiva das palavras dos outros” (BAKHTIN, 2015, p. 135). A subjetividade, por conseguinte, forma-se em movimentos alteritários de resposta à pluralidade de vozes sociais, assim como de sua seletiva assimilação. Está presente no enunciado, portanto,

[...] uma tensa interação e uma luta da minha palavra com a palavra do outro, um processo de sua demarcação e da iluminação dialógica de uma pela outra (BAKHTIN, 2015, p. 151).

Um enunciado, assim, traz marcas de movimentações de alteridade relativas à maneira como a palavra do outro se aproxima ou se afasta do centro de valores do falante; ou seja, o enunciado se constitui na e pela resposta à palavra alheia.

A reação à palavra alheia no heterodiscurso prevê distintas maneiras de as-

similar os matizes das múltiplas verdades e vozes discursivas encarnadas nos enunciados. Por um lado, a verdade do enunciado alheio pode ser seletivamente assimilada com o eco de nossa persuasão interna, despertando “o pensamento independente e uma nova palavra independente” (BAKHTIN, 2015, p. 140), numa estrutura semântica aberta e inconclusa, visto que as fronteiras entre a palavra minha e a palavra do outro se tornam tênues. Por outro lado, a verdade do enunciado alheio pode interagir com nossa consciência de forma autoritária, tal como uma “massa compacta e indivisível” (BAKHTIN, 2015, p. 138), que precisa ser completamente assimilada ou descartada. De natureza autoritária, esse tipo de palavra é tão fortemente tonalizado pelos matizes valorativos do outro, que sólidas fronteiras são demarcadas na interação com a palavra minha. A partir de Bakhtin (2015), compreendemos que o primeiro teor de verdade, designado como discurso internamente persuasivo, tende ao movimento responsivo forjador de verdades relacionais, *pravda*, enquanto o segundo, designado como discurso autoritário, coloca-se no caminho das verdades relacionais, pois requer uma resposta avaliativa de total assunção, ou de total descarte a uma massa axiológica e enunciativa que se quer sólida e indivisível.

Uma perspectiva semelhante a respeito da relação formativa do sujeito em

resposta à palavra alheia é registrada por Bakhtin em *Os gêneros do discurso* (1952-1953):

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2016, p. 54).

A depender do encontro de palavras e verdades no ato enunciativo, a palavra do outro pode ser percebida no enunciado do eu de forma mais ou menos explícita, indiciando distintos graus de presença do outro no enunciado, conforme pontua Di Fanti (2020). Então, o outro encarnado discursivamente em valores, posições ideológicas, cosmovisões, será reelaborado e reacentuado pelo sujeito responsivo, atuando de forma mais ou menos perceptível no dizer do eu. Esse processo traz luz aos limites e fronteiras entre a palavra do outro e a palavra própria, os quais podem ser mais ou menos demarcados. Nessa perspectiva, o tom emotivo-volitivo das vozes alheias e a tensão entre as *pravdas* singulares e as *istinas* gerais concretizam-se nos enunciados que nos circundam, assim como em nossa consciência dialógica, haja vista nossa seletiva assimilação, reelaboração e reacentuação do dizer do outro. Consideramos que esses processos constitutivos dos enunciados e da

consciência estejam relacionados com movimentos alteritários de aproximação e distanciamento em direção à palavra alheia. Vejamos, então, como Bakhtin discute tais movimentos.

Em *O autor e a personagem na atividade estética* (1922-1924), a aproximação e o distanciamento acima mencionados são designados nos movimentos interdependentes de empatia e exotopia, respectivamente. Bakhtin (2011, p. 80) defende que a tensão de singularidades promove um *enriquecimento* do acontecimento a partir do encontro alteritário: “O que enriqueceria o acontecimento se eu me fundisse com outra pessoa, se de *dois* passássemos a *um*?”. Portanto, é do lugar de “ser juntos no ser” não-coincidente e não-indiferente que podemos falar em *empatia*, ou aproximação em direção ao centro de valor do outro; ou de *exotopia*, afastamento e retorno ao próprio centro de valor. Adicionalmente, entendemos que perante os movimentos de empatia e de exotopia, o acontecimento do encontro que engendra o ato *enriquece* as subjetividades nele implicadas, tendo em vista o privilégio de que um sujeito goza ao contemplar, interagir e responder ao outro: seu excedente de visão. Como pensar tal excedente?

Segundo Bakhtin (2011, p. 21), o ativismo do sujeito implica uma concreta distância “de mim e de todos os outros indivíduos – sem exceção – para mim”, que lhe proporciona um espaço

extralocalizado, distanciado em relação aos outros. Tal distância exclusiva gera o “conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro” (BAKHTIN, 2011, pp. 22-23), dele se aproximando e se distanciando. Em empatia, o sujeito se *compenetra* do centro de valor do outro: “devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele” (BAKHTIN, 2011, p. 23). Essa compenetração, entretanto, é provisória, pois a possibilidade de compreender as axiologias nela experimentadas demanda um afastamento, um retorno ao próprio centro de valor. De acordo com Di Fanti (2020, p. 16), a exotopia “é o momento em que se constrói conhecimento sobre o *outro* a partir do que foi visto junto dele em articulação ao que se vê a distância, a partir de uma posição axiológica única”. É dessa posição que se torna possível dar acabamento à minha visão sobre o outro, enunciar e valorar aquilo que, de uma posição privilegiada, somente eu poderia proporcionar em resposta a ele:

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera de meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles momentos em que ele não pode completar-se (BAKHTIN, 2011, pp. 22-23).

A possibilidade de “completar o outro” pode ser compreendida como acabamento relativo, aspecto do enunciado responsivo que concretiza os tons emotivo-volitivos experimentados na relação de interação com o outro. O excedente de visão é, assim, “um ato generoso de quem *dá de si*. Dar de sua posição, dar daquilo que somente sua posição permite ver e entender” (AMORIM, 2020, p. 97). Como dádiva, o conceito de excedente de visão permite-nos compreender o acabamento enunciativo como a marca discursiva do *vínculo* entre sujeitos singulares que interagem, trazendo aos sentidos os excedentes de visão entre eu-outro. Por isso, as verdades relacionais são assumidas pelos sujeitos de maneira distinta, haja vista o imensurável enriquecimento advindo do encontro e do recíproco tensionamento de singularidades. Vale reforçar que empatia e exotopia são

[...] movimentos interdependentes e necessários que não só marcam a constitutiva relação *eu* e *outro*, mas também a singularidade de cada um deles em ver no *outro* o que ele próprio não pode ver sozinho (BARBOSA; DI FANTI, 2018, p. 39).

Tendo em vista essas considerações, recuperamos o argumento de Clark e Holquist (1998), segundo o qual os posicionamentos de Volóchinov (2017) em *O freudismo* encontram respaldo na filosofia primeira bakhtiniana, que preconiza a *participação responsiva* como condição da própria existência. Justamente, o

enfoque à participação figura logo nas primeiras páginas do esboço crítico:

Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento *social* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 11).

Ao “entrar na história” e “nascer” no social, o sujeito participa de forma não-indiferente e não-coincidente em seu entorno cultural ou coletivo; perfaz movimentos alteritários de assimilação seletiva das vozes outras para constituir-se.

Na seção que segue buscaremos mostrar que os movimentos alteritários constitutivos do sujeito bakhtiniano não são alheios ao tratamento psicanalítico, continuando o diálogo iniciado por Volóchinov (2017) por um ponto de vista conciliador.

Alteridade na terapia: um viés bakhtiniano ao conceito freudiano de construção

O texto *Construções na análise* (FREUD, 2018) principia discutindo o papel do analista e do analisando na psicanálise. Ciente de diversas críticas sobre a suposta posição de autoridade interpretativa do analista, o qual sempre teria razão em suas comunicações interventivas, Freud passa a definir aquilo que é ou não próprio da relação analítica.

Sob esse aspecto, o autor traz um conceito que, embora já tenha figurado antes em seus textos, ganha outro estatuto no curso de uma análise: a construção.

Segundo Freud (2018, p. 330), o papel do analisando, a convite da análise, é “se recordar de uma coisa vivida e reprimida por ele”, geralmente com base nas lembranças mais recônditas, relativas à primeira infância. Para o autor, o discurso do analisando faz emergir “alusões às vivências reprimidas e derivados de afetos suprimidos” (FREUD, 2018, p. 329), as quais se manifestam não apenas no discurso, mas também nas repetições, nos silenciamentos, nas tentativas frustradas de falar etc. A perspectiva de cura adotada, no texto em pauta, implica “recordar determinadas vivências e os afetos por elas suscitados, que no momento se acham esquecidos” (FREUD, 2018, p. 329), substituindo o sintoma pela possibilidade de se aposar do passado pelo discurso consciente, de modo a gerar um “quadro dos anos esquecidos da vida do paciente que seja confiável e completo nos elementos essenciais” (FREUD, 2018, p. 329).

Surpreendendo o leitor, Freud (2018, p. 330) afirma que a tarefa do analista é “adivinhar, ou melhor, *construir* o que foi esquecido, com base nos indícios deixados”. A surpresa advém da presente valorização do termo “construção”, em razão do reiterado uso de “interpretação” nos textos anteriores. Para esclarecer o

tom destinado à função da construção, Freud explica:

Interpretação diz respeito àquilo que se faz com um elemento do material, com uma associação, um lapso, etc. Trata-se de uma construção, porém, quando apresentamos ao analisando um pedaço de sua pré-história esquecida, mais ou menos da seguinte forma: “Até o seu *n* ano de vida você se considerou o possuidor único e irrestrito de sua mãe, mas então apareceu outro filho e, com ele, uma grave decepção. Sua mãe o abandonou por um tempo, e depois também não se dedicou mais exclusivamente a você. Seus sentimentos para com ela se tornaram ambivalentes, seu pai adquiriu um novo significado para você”, e assim por diante (FREUD, 2018, p. 333).

Como lemos do excerto acima, a lembrança construída refere-se a uma época da vida do analisando da qual ele não poderia se recordar detalhadamente, seja por conta das resistências enfrentadas na tarefa, seja devido aos esquecimentos naturais ao desenvolvimento humano. Nesse sentido, o analista, no intento de interpretar, também constrói: “tira suas conclusões de fragmentos de lembranças, associações e manifestações ativas do analisando” (FREUD, 2018, pp. 330-331). O material que o analisando traz está vivo; os “escombros” do sintoma estão aparentemente soterrados, reprimidos, mas atuam de forma latente. À construção, na fala do analisando, subjaz a escuta dos indícios de sua pré-história, das marcas daquilo que ainda não é possível recordar, mas que irrompe em forma de sintoma. Segundo Silva (2011,

p. 80), as construções funcionam como o “ato de completar”, visto que nas comunicações do analista estariam os “trechos ausentes de um texto composto com o intuito de reconstituir a história do indivíduo”. “Completa-se” o que é do outro, para que este possa se apossar do que é seu no discurso consciente, contornando as lacunas da memória.

Freud ressalta, porém, que embora a construção seja tarefa do analista, não é dele a autoridade quanto àquilo que fora construído. Para Freud (2018, pp. 339-340), a construção funciona na análise mais como uma “conjectura, que aguarda exame e confirmação ou rejeição”, sendo múltiplos os caminhos pelos quais “a conjectura se transforma na convicção do paciente”; entretanto, quando se transforma em convicção, a construção “tem o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança reconquistada”. Portanto, como afirma Celes (2005), importa ao analista o *efeito* que essa construção terá no analisando e no desenvolvimento do trabalho de análise, e não a veracidade da conjectura.

Celes (2005) indica que o conceito de construção, juntamente com a regra fundamental da livre associação (tentativa de suspensão das críticas morais em relação ao que se pode dizer, apostando no pensamento livre-associado), a superação das resistências (aquilo que barra a livre-associação) e a interpretação (tentativa de deflagrar ao analisando um

sentido de seu discurso aparentemente obscuro para si mesmo) configuram a psicanálise no sentido originário de tratamento. A construção seria mais um mecanismo que contribuiria para a cura enquanto elaboração/perlaboração, entendida como a resolução de conflitos psíquicos no e pelo próprio fazer analítico, conforme lemos de maneira mais explícita no texto *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 2010, pp. 207-208):

É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfrente na resistência agora conhecida, para que a elabore [*durcharbeiten*], para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise [livre associação].

Vale destacar que a noção de “construção” é lida pelos pesquisadores da área da psicologia e da psicanálise de distintas formas. Para alguns, esse conceito explicita um momento da teoria em que o pai da psicanálise se deparava com limites da analisabilidade segundo a técnica clássica, recorrendo, assim, a uma atuação inventiva/criativa do analista (por exemplo, DALLAZEN, 2017). Outros pesquisadores concebem a construção como uma forma de “interpretação ampliada”, portanto, própria do sentido originário do trabalho psicanalítico (por exemplo, CELES, 2005; SILVA, 2011; GRIPPI, 2012). Também, há perspectivas que observam a construção quanto potencial criativo, de abertura a tudo aquilo que é gestado em caráter

de novidade na relação entre analista e analisando (por exemplo, FALCÃO, 2008; ZYGOURIS, 2011). Iremos nos ater às duas últimas perspectivas para tecer nossa contrapalavra bakhtiniana a esse conceito e a sua funcionalidade no tratamento.

Começemos, tal como Freud (2018), problematizando a noção de construção como palavra final sobre o analisando. Em diversos momentos de suas obras, Freud contrapõe-se à prática da sugestão, defendendo que o efeito terapêutico de uma análise ancora-se no enfrentamento elaborativo/perlaborativo das resistências. Sem tal lida, nenhuma sugestão surtiria efeitos terapêuticos, quicá efeitos finais, solucionadores, curativos. Inclusive, a prática de dar palavras interpretativas finais aos analisandos aproxima-se de uma conduta criticada em *Sobre psicanálise selvagem*: um modo de conduzir a sessão no qual a interpretação imediata toma o lugar do próprio processo de análise (FREUD, 2013).

Com base nos apontamentos registrados na seção anterior, Bakhtin (2011; 2017) contribui a essa discussão, inspirando-nos a pensar que, no tempo-espço de uma sessão de psicanálise (condições cronotópicas), encontram-se dois sujeitos singulares, com suas visões de mundo, em contraposição axiológica e também em contraposição de papéis desempenhados na atividade. Quanto ao papel do analista, ele é informado

pelos conteúdos repetíveis da técnica psicanalítica, mas sua atuação não pode prescindir de atualizações singulares em face às demandas da análise, assim como não pode ignorar as vicissitudes que a reação à sua palavra pode ter. “Fechar” o analisando numa interpretação aproximar-se-ia de uma prática interpretativa selvagem (FREUD, 2013), impondo uma verdade analítica que se quer um bloco monolítico, fechado e indivisível, o qual deve ser assimilado inteiramente, algo completamente distinto do objetivo elaborativo de uma análise.

Em termos bakhtinianos, podemos pensar a dinâmica discursiva e alteritária das verdades analíticas da seguinte forma: em diálogo, o analisando enuncia e rememora, enquanto o analista convida à análise. Nesse convite, a escuta analítica é informada não apenas pela técnica, mas também pela história de atuação clínica desse profissional responsiva às demandas de cada caso. Nisso, o entrelaçamento responsável entre *istina* e *pravda*, entre técnica e acolhimento da singularidade do outro, cria as condições de aparecimento de *verdades analíticas*, nutridas pelos movimentos alteritários envolvidos na escuta, na rememoração e na enunciação endereçada ao outro. Como defende Zygouris (2011), a relação constituída no “espaço entre” o par analítico é um dos mais importantes vetores de terapia. Entendemos que tal relação prospecta, objetivamente, dinâmicas

alteritárias e discursivas sem as quais a interpretação não surte efeitos, mas é assimilada como bloco monolítico, afastada do centro axiológico do sujeito.

Alguns autores pontuam a relação entre construção, tempo rememorado e o papel da fala na análise. Segundo Grippi (2012), a construção é uma devolução de elementos que já vêm sendo trazidos pelo analisando em seu discurso. Nesse sentido, a construção é “o ato de pontuar a história que está sendo lembrada”, não sendo lançada de um lugar superior de saber (GRIPPI, 2012, p. 100). Nessa esteira, Silva (2011, p. 89) afirma que a construção

[...] tem como função servir de complemento ao discurso do analisando, delineando a contextualização histórica dos fatos e marcando, sobremaneira, a inscrição do tempo na subjetividade do indivíduo.

Tanto a história que *está sendo lembrada* em face ao outro, quanto a *complementação* ao discurso do analisando trazem à dinâmica discursiva e alteritária o encontro de passado e presente, reorganizando disposições de tempo-espaço (disposições cronotópicas) que se encontram na construção.

Entendemos que, na arquitetônica do ato, o analisando-para-o-analista traz, nas marcas emotivo-volitivas de seus enunciados, tempos e espaços específicos de sua história. Esta, entretanto, emerge já reacentuada, (re)tomada como outra, porque rememorada, relatada, percep-

tível sob um ponto de vista distanciado, constituindo um novo endereçamento, um novo projeto enunciativo. Logo, a palavra própria torna-se outra, sendo reelaborada e reacentuada no momento da lembrança endereçada. Os tons valorativos responsivos do analista-para-o-analisando, o tempo e o espaço da construção, por sua vez, contribuem para que o analisando se veja de uma forma outra, extralocalizada, porque pontuada nos tons do analista-para-o-analisando, no tempo-espaço da análise. A dinâmica analítica, nesse sentido, se *enriquece* no encontro da história que somente o analisando pode recordar, para a qual somente o analista pode prestar uma contrapalavra construtiva. Tal contrapalavra, além de interpretar, produz, na relação com o analisando, uma *cena* que encarna, em tempo e espaço, as vozes e os tons que o outro não escuta ou experimenta, não se lembra, mas que a ele podem se tornar persuasivos na elaboração reacentuada de sua história.

A partir de Bubnova (2011), podemos pensar o “ser juntos no ser” do ato psicanalítico segundo a necessária assimilação seletiva, reelaborativa e reacentuada dos valores e das vozes entrecruzadas na relação terapêutica. Nesse sentido, o analisando reacentua valores e vozes presentes e passados na possibilidade de responder à construção do analista, sendo que a reelaboração à memória por intermédio da palavra do

outro dá-se em meio ao mar de vozes sociais que respaldam a possibilidade de assumir e destinar tons autorais a enunciados nunca antes verbalizados. Assim, a construção assumida pelo analisando, seletivamente assimilada, passa a ser sua, embora nutra profundas relações dialógicas com as marcas alteritárias do outro – das palavras proferidas pelo analista, dos maiores ou menores detalhes propostos na cena, das vozes outras dialogizadas etc. Estar juntos na análise, num “espaço entre”, conforme argumenta Zygoris (2011), potencializa a transformação subjetiva calcada nos movimentos de alteridade que dão contorno à fala e à escuta.

Nessa perspectiva, entendemos que os movimentos de empatia e exotopia contribuem para pensar a construção como palco de aproximação, de distanciamento e de encontro de sujeitos, valores e vozes. Ao dizer de si, o analisando destina a si mesmo um acabamento enunciativo da rememoração por um ponto de vista exotópico em relação a seu passado e o endereça ao outro, em busca de escuta, acolhimento e resposta. Com um movimento empático, o analista penetra-se provisoriamente do discurso do analisando, aproxima-se dele, experimenta a vida em seu lugar, nas vozes e cenas por ele lembradas. A partir de então, retorna ao seu centro axiológico para, exotopicamente, assimilar ética e cognitivamente tais valores e, com seu

excedente de visão, construir, propor uma palavra outra.

Na aproximação, o analista contempla a singularidade de seu analisando; no distanciamento, ele traz na construção uma resposta àquilo que ao outro possivelmente falta, já que elabora axiologicamente um enunciado informado pelas vozes da teoria e da prática psicanalítica, singularizadas na interação discursiva. Este enunciado, palco de pluriacentuações, pontua, completa, proporciona um acabamento relativo ao diálogo travado em terapia, indicando caminhos para conjecturar um quadro mais completo da história do analisando. Tal acabamento é semanticamente aberto e inconcluso, pois está atento à reação-resposta alheia, aos efeitos analíticos da construção.

O analisando, por sua vez, entra em empatia com o analista, sente-se seguro em rememorar sua história em resposta a ele, experimenta os tons emotivo-volitivos de sua vida pelo viés da vida relatada, até não mais conseguir lembrar. Logo, retorna, exotopicamente, ao seu centro de valores e, nesse retorno, percebe ética e cognitivamente os efeitos de ter falado de si ao outro, de ter-se escutado falar. De seu lugar singular, com seu excedente de visão em relação a si mesmo e ao analista, escuta a construção dele, experimenta sua vida pelos tons do discurso do outro. Então, assume as verdades analíticas como próprias ou não, com base nos valores experimentados ao

logo das sessões, nutridos nos movimentos de aproximação e distanciamento em relação a si mesmo, ao outro analista e aos outros evocados pela enunciação da memória relatada.

Bakhtin (2016) traz contribuições importantes para pensar o efeito analítico das construções por meio dos movimentos de reação à palavra alheia. Na resposta afirmada do analisando, seja em palavras, gestos, silêncios ou recusas, a palavra do analista se mostra mais ou menos assimilável, mais ou menos relevante em relação ao analisando-para-si. As vozes outras que constituem o analisando ecoam ou não no mesmo tom da conjectura, tornando a construção do analista mais ou menos destacável de seu centro de valores e, portanto, mais ou menos perceptível, renovada, diferente. Num movimento elaborativo e reacentuado, o analisando se ancora nas vozes do heterodiscurso e em seu centro de valores para validar ou não a construção. Propor uma construção que seja, ao mesmo tempo, destacável-outra e familiar às vozes e valores que constituem o analisando cria os convites discursivos à elaboração e podem contribuir para o manejo mais eficaz da interpretação responsiva por parte do analista.

Para atar os nós de nossa discussão, citamos uma concepção mais abrangente das construções em análise. Falcão (2011, p. 76) propõe pensar a “construção primeira em análise” como aquela

vivência que “ocorrerá pela primeira vez durante o processo analítico”. De acordo com a autora,

[...] a construção analítica não descobre a história [do analisando], mas a inventa numa relação analista/paciente, num *setting*, num *timing*. Essa história é criada e vivida pela primeira vez nesse processo (FALCÃO, 2011, p. 76).

Trata-se da

[...] possibilidade de criar novas formas de relações para estabelecer novas simbolizações para que, na continuidade de sua vida [do analisando], a verdade construída possa lhe permitir uma continuidade coerente (FALCÃO, 2011, p. 76).

Em relação a essa concepção de construção, Bakhtin (2011, 2017) traz contribuições importantes para pensar o enriquecimento do acontecimento a partir do encontro tensivo de verdades e polos axiológicos distintos, assim como a partir do excedente de visão. Não saímos incólumes do olhar do outro; somos alterados por ele. O caráter de *novidade* advindo do espaço e tempo de encontro analítico traz as marcas do enquadre e do tempo de elaboração, assim como das condições interacionais que nutriram a verdade analítica em tensão. Essa verdade, porque co-construída, é nova, trata-se de uma interação singular, que é nutrida pela vontade de cura. Nesse sentido, o início e o término do tratamento conectam presente, passado e futuro: a construção enquanto verdade terapêutica conclama, na lembrança,

a dialogização das vozes passadas que constituíram o analisando, se destacam como perceptíveis e distintas pelo excedente de visão atual e responsivo do analista e se espriam no tempo futuro como possibilidade de dizer o passado com palavras outras.

A partir de Falcão (2011), entendemos que uma história ou uma lembrança co-criada implica uma orientação renovada da consciência frente às palavras alheias e próprias, frente a verdades não contestadas, conhecidas ou imagináveis. A singularidade da interação analítica permite às construções serem novas, elaboradas a partir dos já ditos, da tensão de vozes sociais e da construção conjunta de novos projetos discursivos. Esse processo pode ser entendido como *dádiva*, resultado-processo da sessão de psicanálise. A “construção primeira em análise” de Falcão (2011) pode ser pensada em termos de palavra do analista que começa a ressoar em nosso interior sob um quadro semântico aberto, internamente persuasivo. Há um potencial criativo que advém da inconclusividade da construção que, tomada como própria, pode movimentar-se dialogicamente no conjunto das palavras alheias que soam persuasivas ao analisando.

Nesse sentido, compreendemos que os efeitos da construção no trabalho de psicanálise, segundo Celes (2005), acenam à liberdade do sujeito que se aproxima ou se afasta das palavras

alheias, a depender de seu centro de valores, mas que delas nunca se pode afastar. O outro-analista se especifica na sessão de psicanálise ao ser aquele que a mim excede, que acolhe meu discurso, que dá certo acabamento relativo a meu passado sob a forma de construções, mas que com isso não me impele a aceitar sua palavra. Ao contrário, me convida a experimentar, no encontro de axiologias e vozes, uma contra-palavra a mim mesmo e aos outros; faz-me retomar meu ativismo frente às minhas faltas e às minhas potencialidades, num processo discursivo e alteritário a partir do qual posso eu enunciar a mim mesmo, meu passado e minha (outra) posição frente ao(s) outro(s).

Palavras inconclusas

Em nosso artigo, tematizamos um possível diálogo entre os estudos bakhtinianos e a psicanálise sob o viés bakhtiniano de alteridade e de discurso. Justificamos tal viés pelos registros de Volóchinov (2017) em *O freudismo*, os quais preconizavam a perspectiva sociológica do acontecimento psicanalítico, calcada na interação discursiva entre analista e analisando. Optamos por trazer um texto de Freud de 1937, que não figurara nas críticas de Volóchinov, em relação ao qual objetivamos discutir as contribuições da alteridade bakhtiniana para a compreensão das dinâmicas

discursivas envolvidas nas construções em análise.

A partir de nossa leitura, compreendemos que o pensamento bakhtiniano contribui para pensar o efeito analítico das construções com base em movimentos de alteridade relativos: (i) à singularidade dos sujeitos e dos papéis desempenhados na sessão; (ii) à dinâmica das verdades analíticas em jogo e (iii) à experimentação de axiologias e vozes discursivas por meio da aproximação e do distanciamento entre analista e analisando. Bakhtin corrobora a ideia freudiana de que a palavra do analista não é a palavra final, mas sim uma palavra singular que tem como função, além de escutar e interpretar, propor um acabamento relativo à história do analisando, revivida discursivamente. Com seu ato responsável e responsivo, somente o analista encarna na construção o excedente de visão que dá ao outro aquilo que em seu discurso rememorativo parece faltar. As verdades em jogo, por sua vez, encarnam as vozes do heterodiscurso que constituem os sujeitos em interação, podendo ser assumidas como próprias pelo analisando. Uma vez tornada própria, pode a palavra alheia seguir ressoando no analisando, restaurando a agentividade prejudicada pelos sintomas e criando novos caminhos de (re)encontro e enriquecimento no contato com o(s) outro(s).

Alterity and therapy: a Bakhtinian perspective to the concept of Constructions in Freudian psychoanalysis

Abstract

Volóchinov's critiques towards Freud, registered in *Freudianism: a critical sketch* (1927), on the one hand undermine psychoanalysis as subjectivist; on the other hand, value the psychoanalytic event through the lens of alterity and discourse. Enlarging this discussion and considering current studies that deepen the concepts of alterity and psychoanalysis, this paper aims at discussing the contributions of Bakhtinian concept of alterity to the understanding of constructions' functioning in the psychoanalytic treatment. Through bibliographic research, we highlight Bakhtinian views on alterity, comparing it to the psychoanalytic conception of constructions in the therapy. We offer Bakhtinian contributions regarding: the singularity of the roles played by the subjects in the sessions, the tensioning of analytic truths and the axiologies and discursive voices experimented by analyst and patient through/by alterity movements. Thus, the self-other relationship might raise alternative views towards psychoanalytic construction as exotopic surplus of vision that provides provisory finalization to patient's speech.

Key-words: Alterity; Bakhtin; Subject; Constructions; Psychoanalysis

Notas

- ¹ Entre os anos de 1919 e 1929, um grupo de intelectuais, de áreas de formação distintas, reuniram-se em Nevel, Vítebski, São Peterburgo e Leningrado para discutir questões atinentes à arte/literatura, à biologia, à psicologia, à música e à linguagem. Constavam nessas reuniões estudiosos como Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédev (1892-1938), juntamente com I. Kanaev (1893-1983), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), M. Kagan (1889-1937) e B. Zubakin (1894-1937), como informam Brait e Campos (2016). Consideramos como “pensamento bakhtiniano” não só o conjunto dos trabalhos de Bakhtin, mas também a produção de Volóchinov e de Medviédev, cuja contribuição aos estudos da linguagem remete ao período de estreita colaboração entre o grupo.
- ² A autoria creditada à obra *O freudismo* é palco de polêmica no cenário brasileiro e internacional. Grillo e Américo (2019), na recuperação documentada da produção acadêmica de Volóchinov no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV), trazem evidências de um processo de escrita que consistia em primeiro publicar um artigo sintético sobre um determinado tema para, depois, expandi-lo em obra. O artigo de 1925 expandiu-se, em 1927, na obra que analisamos. A versão de *O freudismo* disponível ao público brasileiro, traduzida por Paulo Bezerra e basal a nosso estudo, credita a autoria a Bakhtin. Neste artigo, embora nos valhamos da importante tradução de Bezerra, creditamos a obra a Volóchinov, tanto nas citações, quanto nas referências.
- ³ Sobre a referência ao autor, consultar a nota explicativa de número 1.
- ⁴ Sobre a referência ao autor, consultar a nota explicativa de número 1.

Referências

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 95-114.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética (1922-1924). In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 3-192.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I: A estilística (1934-1935)*. Trad. Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso (1952-1953)*. Trad. Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável (1920-1922)*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BARBOSA, V. F.; DI FANTI, M. G. C. A (in) visibilidade da atividade de revisão de textos acadêmicos: um *outro* na teia dos sentidos. *Letrônica*, v. 11, n. esp. (supl. 1), p. 35- 53, Set. 2018.
- BEZERRA, P. Freud à luz de uma Filosofia da linguagem. In: VOLÓCHINOV, V³. *O freudismo: um esboço crítico (1927)*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016.
- BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. *Bakhtiniana*, v. 6, n. 1, p. 268 – 280, Ago./Dez. 2011.
- BUBNOVA, T. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. Trad. Maria Inês Batista Campos e Nathália Salinas Polachini. *Conexão Letras*, v. 8, n. 10, p. 9-18. 2013.
- CELES, L. A. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, v. 9, n. 10, p. 25-48, Jul./Dez. 2005.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. Jaime Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DALLAZEN, L. *A perlaboração da contra-transferência e o processo de alucinação do psicanalista como recursos das construções em análise*. 228 f. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- DI FANTI, M. G. C. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: PASCHOAL, C. et. al. (Org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, p. 7-28 2020.
- FALCÃO, L. Construções em análise hoje: a concepção freudiana ainda é válida? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n. 3, p. 69-81. 2008.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. *Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Trad. Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. Construções na análise (1937). In: _____. *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Trad. Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FREUD, S. Sobre psicanálise “selvagem” (1910). In: _____. *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. Trad. Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- GRILLO, S. V. C. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. *Bakhtiniana*, v. 12, n. 3, p. 54-75, Set./Dez. 2017.
- GRILLO, S. V. C.; AMERICO, E. V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- GRIPPI, R. Construção e interpretação em *Construções em análise* (1937), de Sigmund Freud. *Stylus*, n. 25, p. 99-105, 2012.
- LIMA, S. M. M.; PERINI, R. Bakhtin e Freud: aproximações e distâncias. *Bakhtiniana*, v. 1, n. 2, p. 80-99, 2009.
- MOURA-VIEIRA, M. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016.
- NASCIMENTO, L. Da filosofia ao discurso: Mikhail Bakhtin. *Interfaces*, v. 12, n. 1, p. 69-82, 2021.
- PONZIO, A. *No Círculo com Mikhail Bakhtin*. 2 ed. Trad. Valdemir Miotello, Hélio Pajeú, Carlos Turati e Daniela Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
- SILVA, C. A. C. *Da Interpretação às Construções: aspectos da evolução e limites do método freudiano de psicanálise*. 100 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SOBRAL, A. *A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. São Paulo: Mercado de Letras, 2019.
- VOLÓCHINOV, V.⁴. *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. Do outro lado do social: sobre o freudismo. In: _____. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- ZYGOURIS, R. *Psicanálise e psicoterapia*. Trad. Caterina Koltai. São Paulo: Via Lettera, 2011.